

VELHAS DROGAS, VELHOS CONSUMOS: O LENTO CAMINHO DA DESARTICULAÇÃO BIOGRÁFICA¹.

Rui Tinoco - *Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UFP*
Mestre Assistente

ABSTRACT

In this article we try to make a reflection about the life histories of drug consumers. We use the recollection of heroin life histories. The qualitative data were then written to make possible a speech analysis. The results point out the difficulty to build biographic life synthesis about the pass of the people interviewed. The main goal of this research was to identify life points of incoherency in three important moments of a consumer career: the beginning of consumption; the dependency management and the moments of redraw.

RESUMO

No presente artigo pretende-se fazer uma reflexão crítica sobre certas dimensões presentes nas trajetórias de consumidores de drogas. Para isso, utilizou-se a recolha de histórias de vida de consumidores de heroína. Os testemunhos, passados para suporte escrito, foram depois submetidos a análise de discurso. Os resultados apontam na direcção de uma dificuldade com que muitos consumidores de drogas se confrontam: a incapacidade de construir síntese biográficas a propósito do seu passado. O principal objectivo da investigação passou pela identificação de pontos de incoerência em três momentos cruciais do envolvimento com as drogas: o início dos consumos; a gestão da carreira; e os momentos de afastamento.

1. INTRODUÇÃO

Pretendemos fazer um levantamento sobre as trajetórias de consumidores nas suas diversas dimensões e especificidades. Estudaremos com particular detalhe os modos como as histórias de vida relacionadas com o desvio foram vividos e são representadas pelos participantes da investigação.

Desde sempre, no nosso percurso científico, privilegiámos metodologias e formas de investigação que procurassem exercer a subjectividade de um modo criativo (Tinoco e Fernandes, 2002; Tinoco, 2000). Utilizámos, em ambos os projectos acabados de referir, metodologia de pendor biográfico. Trata-se de fazer um levantamento sistematizado de trajetórias de consumidores de drogas, tal como eles podem ser representados pelos próprios num dado momento das suas trajetórias. Esta dimensão retrospectiva poderia obrigar-nos a uma série de considerações sobre a noção da realidade dos factos recolhidos. Seguindo uma certa tradição constructivista, interessa-nos sobretudo estudar o modo como a realidade biográfica é representada pelos próprios indivíduos.

A entrevista semi-estruturada assume-se, neste contexto, como o instrumento privilegiado na recolha dos dados. Pretendemos, na entrevista, fazer o levantamento dos momentos cruciais do desenvolvimento dos comportamentos de adicção. A área dos comportamentos adictivos desenha, por assim dizer, um tema biográfico em torno do qual o projecto se estruturou. Procedemos também a uma acumulação de testemunhos o que aproxima, de algum modo o projecto da metodologia das histórias de vida cruzadas, tal como foi proposta por Poirier *et al.* (1995). As vantagens do cruzamento biográfico passam, essencialmente, por um aumento da qualidade dos dados proveniente da sobreposição de registos. De facto, a totalidade do material qualitativo recolhido é submetida, como um todo, a uma análise de discurso que, certamente, diluirá possíveis e pontuais discrepâncias ou inexactidões.

Vamos agora, com mais detalhe, proceder à descrição de dois momentos cruciais num projecto desta natureza: o momento de recolha dos dados e o momento da sistematização e interpretação do material recolhido. Para o primeiro momento, iremos descrever

244 o modo como entendemos a entrevista, bem como as principais linhas mestras que nortearam a sua condução. No que concerne à análise de discurso, vamos referir as áreas temáticas que nortearam a organização do material recolhido, bem como a sua interpretação. De seguida faremos uma breve caracterização da amostra para depois, finalmente, apresentarmos os principais resultados obtidos e a discussão tecida a seu propósito.

2. METODOLOGIA

No que à metodologia diz respeito, considerámos dois vectores fundamentais, a saber: a entrevista e o modo de tratamento dos dados. Para o primeiro, cumpre saber o modo como nos posicionámos face à postura do entrevistador, guião da recolha de informação entre outros. Em relação ao tratamento dos dados cumpre-nos explicar algumas considerações sobre o modo como encaramos as metodologias qualitativas e como através delas extraímos informação relevante.

2.1 A ENTREVISTA

Para nós, a entrevista é um instrumento que não deve ser conceptualizado numa visão mecanicista que encara o sujeito entrevistado como um local de onde se deve extrair informação do modo mais asséptico possível. Holdstein e Gubrium (1997) defendem precisamente a ideia de uma aproximação mais criativa, onde a relação é uma dimensão importante e, mais importante ainda, é o esforço por despoletar no entrevistado uma reflexão sobre si – que poderá de sobremaneira enriquecer o material recolhido.

A utilização da entrevista como instrumento da investigação pode libertar toda a pesquisa de uma preponderância do método. Tradicionalmente, o primado do método acaba por limitar toda a recolha de dados ao já conhecido (Konnig, 1986). A abertura ao imprevisível e às informações novas emergentes nos dados é um quesito indispensável, especialmente num campo como as toxicodependências, em que muitas práticas e mesmo vivências não podem ser definidas a priori porque mal conhecidas ou mesmo desconhecidas totalmente. A capacidade de suscitar nos entrevistados uma reflexão sobre si mesmo depende muito da postura do próprio condutor das sessões. Como Hagan (1986) afirma, alcançar uma posição de empatia nas entrevistas pressupõe uma atitude de não julgamento e, até, de uma certa aproximação e compreensão com o mundo do entrevistado. Variáveis relacionadas com as competências do próprio entrevistador estão aqui em jogo.

Apesar do que defendemos até aqui, não nos dispensámos da elaboração de uma *check list*. A homogeneização das entrevistas facilita depois uma análise comparativa. Tal postura não nos impede, como defende Faupel (1991) de encarar os participantes como aqueles que nos têm de ensinar sobre as suas opções e estilo de vida.

Assim, procurámos, em todas as sessões de recolha de informação, conhecer os antecedentes pessoais que os entrevistados consideravam relevantes para compreendermos a sua situação actual. Deixámos à consideração dos participantes essa valoração - que podia englobar os mais variados factores como os antecedentes familiares, profissionais e escolares ou ainda qualquer outro factor não previsto mas considerado relevante. Sempre que tais factores eram referidos, fazíamos uma pequena exploração sobre motivos e emoções evocadas. Recordamos que enveredámos por uma recolha das histórias de vida que é parcelar e pretende centrar a sua atenção no desenvolvimento do consumo de drogas. A recolha dos antecedentes não se pretendeu sistemática mas conduzida pelas valorações dos participantes no estudo.

No que diz respeito à iniciação dos consumos, pretendemos saber os momentos dos primeiros contactos com as diversas substâncias no que diz respeito aos lugares. Qui-

semos caracterizar o contexto em termos de relações informais que os entrevistados desenvolvem. Recolhemos também a descrição dos primeiros efeitos, percepção sobre as variadas substâncias à data do início dos consumos. Informações sobre as redes sociais de suporte social também foram objecto do nosso interesse: por isso, recolhemos material sobre as representações dos consumos e práticas dos entrevistados, bem como a tendência de evolução das práticas nesses contextos.

No que diz respeito ao saber sobre as drogas, interessou-nos recolher informação sobre a evolução dos efeitos das drogas consumidas. A utilização dos efeitos com determinados objectivos foi, do mesmo modo, objecto de recolha. As modalidades de ingestão e a aprendizagem dessas modalidades interessam também à investigação. A perspectivação da evolução das condutas, numa dinâmica de aprendizagem com o grupo de pares, foi proposta por Becker (1963) para o caso dos consumidores de drogas e ainda hoje é um campo com grande interesse heurístico.

Ainda no que diz respeito ao saber sobre as drogas, temos a inquirição sobre quais as substâncias que se controlam mais facilmente ou não. As estratégias de auto-controle face a substâncias mais “tentadoras” mereceram, igualmente, a nossa atenção. A questão da privação da heroína foi explorada, nomeadamente a tomada de consciência da síndrome de abstinência: em que circunstâncias isso se deu, o que sentiu, o que isso modificou no modo como os entrevistados passaram a encarar-se a si mesmos, bem como a margem de manobra com que viviam a sua vida de toxicodependentes.

Após uma relação mais quotidiana se ter instalado com uma substância – no caso a heroína – quisemos saber como as relações com os outros evoluem (isto em diversas variáveis como a família, o trabalho, a escola). As estratégias de obtenção do produto e redução de custos quotidianos para que essa mesma obtenção continue a prolongar-se foram também objecto da nossa recolha de informação. Os mecanismos de lidar com a ressaca e as atitudes face a esta situação são de crucial importância no estudo: atitudes de maior ou menor fatalismo face à privação podem explicar trajectórias diversas.

A questão da gestão da trajectória dos consumos pode recolher-se face a situações limite; face aos modos de ingestão das substâncias – a famigerada agulha; relativamente à questão da compra dos produtos; à possibilidade do crime; bem como os efeitos de eventuais detenções – questões consideradas pertinentes em investigações anteriores (Tinoco e Fernandes 2002; Tinoco, 2000). A vertente da intencionalidade dos actos cometidos (conceito de Manita, Negreiros e Agra, 1996) é outro dos interesses nesta fase de recolha. De facto, interessa-nos saber o modo como os participantes vivem as suas decisões e escolhas ao longo do seu percurso de consumidores.

Em relação ao mundo da droga, quisemos saber as áreas onde se efectuem as compras e o modo como os sujeitos se relacionam com essas zonas. A questão da entreatada na compra e na convivência diária é outro dos tópicos de referência nas entrevistas. O modo como as relações de amizade são encaradas é um ponto de evidente importância para podermos avaliar sobre o grau de coesão observado nesses contextos. Também aqui é importante saber a relação dos entrevistados com diversas instituições de controle social (como as polícias, tribunais e outros). Finalmente, e socorrendo-nos de uma proposta recolhida em Fernandes e Agra (1991) quisemos saber qual a visão pessoal que os nossos entrevistados mantêm sobre o fenómeno da droga nas suas variadas dimensões.

Num ponto mais adiantado das entrevistas indagámos sobre os momentos de afastamento ou mesmo interrupção das actividades de consumo ou com ele relacionadas. Os momentos de abstinência podiam ser supervisionados ou não pelas instituições sanitárias. Neste particular, quisemos saber sobre o papel das redes informais de suporte social,

246 bem como o papel desempenhado por elementos familiares. O processo de decisão que leva ao afastamento ou interrupção das actividades suscitou-nos, da mesma forma, interesse. As dimensões relacionadas com o afastamento não terminam aqui: é necessário analisar as dificuldades experimentadas e os sentimentos suscitados pelas eventuais recaídas ocorridas (Marlatt e Gordon, 1985). As razões nomeadas para deixar os consumos, bem como as personagens sentidas como importantes nesse processo de afastamento do consumo foram recolhidas sempre que possível. A noção de *calm down*, que pressupõe o afastamento dos meios sem que, necessariamente, a actividade de consumo seja totalmente interrompida, recolhida em Grapendaal *et al.* (1995), foi-nos útil por chamar a atenção para movimentos de afastamento que não pressupõem um ruptura completa.

Estas foram as linhas mestras que guiaram as entrevistas. Elas permitem uma regularidade entre as diversas sessões de recolha de dados facilitando, depois o momento de sistematização e interpretação de resultados. Não seguimos estas directrizes de modo rígido: explorámos sempre informações que nos pareceram relevantes. A acumulação de registos procurou a saturação de dados para constituir assim um *corpus* de material em que se possam aplicar métodos qualitativos de análise.

2.2 TRATAMENTO DOS DADOS

Ultrapassada a fase de recolha de dados, vimo-nos perante uma série de entrevistas que depois tiveram de ser passadas para suporte informático. É sobre o material apresentado na forma escrita que incidirá a análise de conteúdo. Trata-se de organizar o material recolhido segundo uma série de dimensões que depois permitam organizar uma série de considerações analíticas. A categorização introduz uma dimensão de objectividade nos resultados. A preocupação com essa dimensão de objectividade levou-nos a utilizar um juiz cego, que codificou o material recolhido de forma autónoma e que depois confrontou essa codificação com a que nós próprios realizámos. Ao socorro do juiz cego seguiu-se depois momentos de confrontação de decisões de codificação e de reacertos pontuais, um momento que poderemos denominar de inter-análise. A constituição de uma grelha de análise fornece, por sua vez, uma operacionalização dos objectivos até aqui enumerados. Vamos, pois, apresentar os pontos principais que orientaram esta fase do trabalho. Iremos realizar, antes de mais, um esforço de caracterização dos actores, esboçando certas dimensões tipológicas entrevistas. Vamos tentar traçar algumas considerações sobre os actores com os quais tivemos contacto. De seguida, ir-nos-emos debruçar sobre as substâncias consumidas maioritariamente. A propósito das substâncias iremos referir ainda as modalidades de consumo e, principalmente, de gestão desse consumo. Interessa-nos, sobretudo, o modo como a evolução dos padrões de consumo se observa e as justificações traçadas a seu propósito.

Não são apenas estes campos que nos interessam. Os actores e as substâncias não esgotam as situações que nos esforçamos por evocar anteriormente. Faltam os contextos e os modos como esses contextos são vividos pelos interessados. Com a análise do contexto completamos a famosa tríade indivíduo substância e social (não nos esqueçamos que, neste estudo, a substância é o modo como os nossos entrevistados se relacionam com ela).

Falta uma grande variável para terminar o quadro. O tempo é essa macro-variável a que nos referimos. Na investigação, o tempo está inscrito na evolução de práticas, na evolução biográfica dos nossos entrevistados tal como ela é representada no momento da recolha de material. O conceito de trajectória pode sintetizar a ideia que organizará esta parte dos nossos dados.

Assim, todos os segmentos de discurso que remetam para uma dimensão temporal vão ser aqui classificadas. As justificações dos actos em determinados momentos biográficos

cruciais como o início dos consumos, a sua gestão e os momentos de afastamento vão ser objecto de uma análise que tenha em linha de conta uma dimensão processual das condutas. Para apurarmos a nossa análise das trajectórias, considerámos aqui a dimensão da intencionalidade do acto e da não intencionalidade. Na não intencionalidade classificámos todo o material tendente a desresponsabilizar o indivíduo dos actos desviantes ou transgressivos, minimizando a natureza desse acto – por exemplo: pressão dos amigos; não sabia as consequências desse comportamento, entre outros. Na intencionalidade o carácter desviante do comportamento não é negado ou minimizado: é valorizado no interior de uma lógica transgressiva, já bem interiorizada – por exemplo: não tinha outra hipótese a não ser consumir; roubo mas não faço tão mal como os outros. Pretendemos, assim, explorar o grau de envolvimento dos sujeitos para com os seus próprios actos nos momentos biográficos acima considerados: ou seja a variação do grau de intencionalidade conforme as etapas da história de vida.

Estamos, pois, preparados para apresentar os resultados da investigação. Não se estranhe a não coincidência entre as questões apresentadas no guião e as consideradas na análise dos resultados: nós defendemos a abertura do trabalho ao imprevisto e à novidade. Por outro lado, as unidades de categorização englobam muitas das questões consideradas na fase de construção da entrevista.

3. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Vamos agora fazer uma breve caracterização dos sujeitos pertencentes à amostra. Não se trata de realizar uma compreensão estatística mas, apenas, um esforço de contextualização dos resultados qualitativos que, de seguida, apresentaremos.

As entrevistas foram realizadas num centro de atendimento a toxicodependentes no Porto. Por isso, estamos perante uma série de indivíduos que, nalgum momento das suas trajectórias de consumidores, perderam o controle dos consumos tendo de pedir ajuda. É também preciso sublinhar que este tipo de centro atende pessoas, normalmente, pertencentes a classes sócio-económicas mais desfavorecidas. Fizemos neste contexto 30 histórias de vida, seguindo as directrizes até aqui mencionadas. Assim, no que diz respeito aos dados biográficos temos uma média de idade que ronda os 31 anos, 28 do sexo masculino e dois do feminino². A proveniência dos entrevistados é do Grande Porto ou de pequenas zonas rurais situadas no interior do distrito do Porto. No que diz respeito ao estado civil dos indivíduos, cerca de dois terços da amostra estão solteiros. No que concerne a dimensões de autonomia, sublinhe-se que a mesma proporção de utentes vivem ainda com a família de origem.

Em relação à escolaridade temos um indivíduo licenciado e dois entrevistados com o ensino secundário. Os restantes distribuem-se pelo 6º ano, pelo 4º ano e pelo segundo ciclo. Por outras palavras, cerca de 27 indivíduos têm a escolaridade mínima obrigatória ou nem sequer isso. No que toca à actividade ou seja, a situação face ao emprego temos dezasseis indivíduos empregados e catorze desempregados.

Para terminar os dados biográficos considerados nesta sucinta caracterização temos a história judicial que se reparte do seguinte modo: dois terços da amostra não referem qualquer antecedente judicial, enquanto os restantes dizem ter uma ou mais condenações. O decorrer das entrevistas clarificou, mais tarde, este critério: para muitos entrevistados pequenas detenções e mesmo processos em trânsito não significam problemas com a justiça (uma desvalorização das instâncias de controle social assaz significativa).

Sintetizando: temos uma população adulta, maioritariamente do sexo masculino com um grau de escolaridade baixo e poucos indícios de autonomia: a maior parte vive com

248 a família de origem não tendo o seu próprio espaço para viver. Algumas outras variáveis dividem a amostra quase ao meio: isto é especialmente verdade no que à situação face ao emprego diz respeito.

Em relação às doenças infecto-contagiosas considerámos três grandes situações: a hepatite B; a hepatite C e o HIV. Este tipo de doenças infecto-contagiosas é diagnosticado de modo sistemático nos serviços. Assim, temos dezasseis indivíduos com marcadores que indiciam contacto com o vírus da hepatite B mas em que a situação está, presentemente, normalizada. Temos, da mesma forma catorze indivíduos sem contacto com esse vírus. Em relação à hepatite C os serviços apenas diagnosticam o contacto com o vírus da hepatite C. Para se saber se existe infecção actualmente é necessário fazer análises noutros serviços. Por conseguinte, tendo em conta essa limitação temos: quinze indivíduos que aparentam ter contacto com o vírus e quinze que nunca tiveram contacto. No que diz respeito ao HIV temos vinte e três indivíduos que são seronegativos e sete que são seropositivos.

4. RESULTADOS

Vamo-nos deter especialmente sobre as dimensões das trajectórias desviantes – deixando de lado outras dimensões dos resultados para futuros trabalhos. Entramos finalmente numa dimensão que nos é cara e que não pode ser escamoteada num projecto que se reclama de uma visão biográfica e das histórias de vida: o tempo. Vamos reflectir sobre a emergência de certas condutas próximas da deriva (Matza, 1964). A deriva implica uma certa vivência de desenquadramento em relação a muitas actividades quotidianas que estruturam o dia-a-dia.

É certo que esta vivência desregrada do tempo não é sentida da mesma forma por todos os entrevistados. Pode, porém, ser detectada nas entrevistas através de expressões como: “consumo o que me aparecer”; “quando estou na droga não quero saber de nada”. Esta mudança interior, esta experiência de si tão peculiar implicada no consumo de drogas, reflecte-se depois no modo como os testemunhos tentam articular longitudinalmente as diversas dimensões biográficas.

Um dos primeiros paradoxos reside, precisamente, no motivo para existirem consumos. Muitos dos entrevistados interrogam-se sobre a razão dos seus consumos. Sublinham o facto da vivência actual da droga não lhes proporcionar nenhum prazer. A ideia do *flash*, do prazer superior envolvido no consumo, está completamente ausente do material recolhido. O resultado está de acordo com as observações de Solal (1991) que se interroga, precisamente, sobre essa modificação do discurso de certas comunidades de consumidores (recorde-se que em muitas comunidades de consumidores dos anos sessenta e setenta, o acto de ingestão de drogas estava carregado de ideologia e de um sentido, muitas vezes, político). A incongruência do acto de consumir – consome-se e não se sabe porquê, mesmo ao nível do prazer (“aquilo só me faz mal”) – vai replicar-se a níveis mais profundos à medida que a história de vida é evocada nas sessões.

No que diz respeito, precisamente, ao início dos consumos, a atitude dominante tenta realçar a escolha livre e indeterminada dos indivíduos. Existe uma relutância generalizada em relacionar acontecimentos de vida passados com o começo da ingestão de drogas. Ora essa afirmação de independência surge, mais à frente nas entrevistas, contradita. A influência dos amigos e a falta de informação sobre as consequências dos produtos ingeridos são alguns dos argumentos que consubstanciam uma certa desresponsabilização em relação a esse crucial momento biográfico. A não intencionalidade dos actos biográficos relacionados com a primeira etapa de consumo de drogas entra, pois, em contradição com uma pretensa vontade em afirmar o livre arbítrio ocorrido no início dos consumos.

Os valores e modos de vida desviantes ainda não estão interiorizados nesta fase, havendo por vezes uma ambivalência e distanciamento no que lhes diz respeito. No entanto, esta dissociação entre os actos e a responsabilidade dos actos vai-se repetir noutros momentos biográficos sobre os quais, já de seguida, reflectiremos.

Na etapa considerada de seguida, a gestão da carreira de consumidor, temos uma série de mudanças a nível das explicações dos actos. Globalmente, podemos dizer que existe um maior envolvimento com a ideologia subcultural. Tal facto consubstancia-se na manutenção de argumentos não intencionais, ao mesmo tempo que a argumentação do tipo intencional regista uma clara subida. A argumentação intencional não nega a natureza desviante de determinados actos mas justifica-os recorrendo a outras estratégias: “estava a rressacar, por isso tinha de roubar”; “roubava, mas não fazia como os outros que não queriam saber se aleijavam alguém ou não”, entre outros exemplos.

Ao mesmo tempo que a não intencionalidade se mantém, (ou seja argumentação do tipo: pressão dos amigos e negação de responsabilidade a nível geral) a intencionalidade confirma a ideia de um maior envolvimento com a ideologia desviante e, mais importante, a adesão a uma identidade subcultural (por exemplo: “roubava mas não fazia mal às pessoas”, ou “só roubava ricos” entre muitos outros exemplos).

Um certo sentimento de injustiça é também alimentado e desempenha evidentes funções instrumentais. Como Sykes e Matza (1957) afirmam, uma racionalização do tipo condenação dos condenadores, permite não reflectir sobre a natureza do próprio acto, ao denegrir os actos de outros. É evidente que classificámos aqui uma racionalização deste género como uma dimensão intencional. A utilização deste tipo de argumentação de um modo sistematizado fomenta e consolida um sentimento de pertença a um grupo excluído, ao mesmo tempo que permite o desenvolvimento de uma identidade em negativo, por assim dizer, das instituições oficiais.

Uma outra consequência deste uso generalizado de argumentações intencionais e não intencionais é a vivência de um sentimento de deriva. O conceito inicialmente proposto por Matza (1964), e desenvolvido por inúmeros autores, pressupõe um desenquadramento de ritmos normativos e a experiência de uma espécie de anomia individual. Nos nossos entrevistados, a deriva é visível em numerosas asserções: “nunca decidi nada em questão de drogas”; ou ainda “consumo o que me aparece”. Períodos de consumo desmesurado, que impliquem uma interrupção das actividades rotineiras individuais, podem ser uma expressão dessa deriva.

Um outro aspecto importante a ser aqui sublinhado provém da confrontação desse sentimento de deriva e de irresponsabilidade, descrito por muitos dos entrevistados, com as escolhas que depois afirmam realizar. Voltando à ideia de desarticulação biográfica, referida a propósito do início dos consumos, ela adquire aqui uma outra expressão: muitos dos indivíduos dizem não ter escolha no que a questões de droga concerne, mas depois, mais à frente nas entrevistas, relatam as suas escolhas com minúcia e detalhe (traficar drogas leves em vez de duras; roubar em vez de prostituir-se, entre outros exemplos).

Estas incoerências generalizadas no material que recolhemos reflectem uma certa incapacidade de organizar a história de vida e o conjunto de actos cometidos numa totalidade significativa. Não existe escolha, mas escolhas são efectivamente tomadas e descritas. Esta incoerência não resulta de uma manipulação ou de alguma deficiência cognitiva, parece-nos isso sim que a aquisição de uma lógica desviante é dificilmente aceite como opção de vida, mas ao mesmo tempo, quando se consegue reflexão sobre ela, uma série de opções se impõem e um certo grau de liberdade existe de facto. Finalmente, no que respeita aos pontos de inflexão ou de afastamento das actividades relacionadas com o

250 consumo, quer reais ou imaginárias, configuram o último momento biográfico considerado nesta dimensão. Ao contrário do que à primeira vista possa parecer, muitos desses momentos de afastamento observam-se sem que os interessados os experimentem como decisões próprias. Por outras palavras: os momentos de afastamento podem ser vividos ainda dentro da deriva e fatalismo inerente à etapa de gestão dos consumos.

As não decisões, se nos é permitida a expressão, estendem-se a outros conteúdos classificados neste momento biográfico. Assim, somando-se aos momentos de afastamento, que emergem de forma inopinada, detectámos as recaídas ou consumos pontuais em etapas de abstinência e ainda as vontades de consumo como algo que não se controla. Esta vivência de certos comportamentos como exteriores ou como não sendo resultado de uma atitude pensada e deliberada dos indivíduos, consigna uma situação em que existem mudanças nas suas práticas, sem que exista correspondência nos discursos (e por consequência, a nível psicológico, observa-se idêntico fenómeno). Vamos reflectir um pouco mais atentamente sobre os processos relacionados com a recaída. O retorno aos consumos é, por vezes, apresentado como uma resposta a uma vontade incontrolável de consumir que só pode ser apaziguada dessa forma. Noutros momentos, um processo semelhante ao início dos consumos replica-se (se bem que de uma forma muito mais célere em termos de consequências e retorno a um estado de gestão dos consumos): “pensei que uma vez não fazia mal”; “quando dei conta já estava a consumir”.

Esta deriva e demissão do controle dos seus próprios comportamentos pode também observar-se em períodos de abstinência mais ou menos prolongados. Alguns dos entrevistados experimentam períodos de abstinência como não tendo que ver com o seu esforço sendo, em maior ou menor grau, produtos da sorte ou do acaso. O consumo de álcool pode servir como potenciador de todas estas não decisões. O estado de embriaguez pode facilitar o regresso a um consumo pontual que, não raras vezes, se transforma numa recaída. Esse consumo é mais uma vez produto de um acaso ou de um azar. Ou seja: estamos perante mais um caso de incoerência biográfica do sujeito perante si mesmo. A recaída acontece sem que tenha nada que ver o indivíduo que a pratica. A recaída surge, por vezes, dissociada do indivíduo que a vive. As racionalizações que a justificam podem valorizar o poder desregulador do álcool; desvalorizar a importância de um consumo que depois se transforma numa recaída ou, entre muitas outras possibilidades, voltar a realçar a influência negativa dos amigos ou do meio.

Quando os pontos de inflexão têm oportunidade de se consolidar, temos situações em que o indivíduo se confronta com todas as incoerências biográficas referidas até aqui: a droga emergiu de uma forma inexplicável na vida dos entrevistados; a gestão dos consumos não deixava margem de manobra aos indivíduos, mas aconteciam escolhas; finalmente, as recaídas e, mesmo alguns momentos de afastamento, são sentidos como não decisões. Como viver com todas essas incongruências?

Uma racionalização que detectámos no material denomina-se metáfora da compensação. Eliason e Dodder (2000) estudaram racionalizações utilizadas por caçadores furtivos de renas. Propuseram a metáfora da compensação, racionalização que engloba justificações de actos desviantes através da valorização de dimensões normativas que alegadamente compensariam todas essas falhas. No caso dos caçadores furtivos, o acto de abater animais protegidos não é negado como infracção, tão-somente essa infracção é contrabalançada por um comportamento exemplar noutras dimensões sociais, o que se reflecte na valorização das características pessoais dos caçadores: “é tudo boa gente; gente respeitadora e trabalhadora”.

A valorização de determinados aspectos da vida quotidiana pode desempenhar um papel equilibrador dos indivíduos em relação às suas próprias memórias. Ou seja: a valori-

zação de certas dimensões positivas no presente pode ser uma mais valia, no sentido de se tentar superar todo o seu passado desarticulado – que normalmente preferir-se-ia esquecer. De facto, certas racionalizações podem ter funções integradoras em termos biográficos.

A consolidação da abstinência pode estar acompanhada de uma ansiedade estatutária³ que se materializa numa incerteza face ao consumo de drogas. De facto, observámos em diversas entrevistas que existe uma certa insegurança em relação à abstinência que pode, inclusive, ser visível face a uma leitura dos diversos sinais corporais, em busca do síndrome de abstinência quando este é de impossível ocorrência – p. e. um entrevistado, com quase um ano de abstinência, diz ainda sentir arrepios e outros sinais de falta da heroína.

Em suma, no que diz respeito às trajectórias, detectámos uma série de incoerências dos testemunhos. Essas incoerências resultam, certamente, de uma dificuldade em organizar a história de vida depois de um período problemático de consumos em que diversos problemas, em diversas áreas dos indivíduos, acabaram por se desenvolver (perder emprego; conflitualidade familiar; vivência de bairros e problemas com polícia; até mesmo a entrada em outras actividades desviantes como a prostituição, o proxenetismo ou o roubo).

Essa desarticulação é sentida em diversos momentos biográficos: o início dos consumos que tende a ser afirmado como uma decisão própria e que depois é exteriorizada através de racionalizações tendentes a afirmar a não intencionalidade do acontecimento. No que diz respeito à gestão dos consumos, essa gestão é, frequentemente, vivida como não permitindo margem de manobra aos indivíduos – o desenvolvimento da entrevista encarrega-se de pôr em evidência escolhas. Para terminar, temos momentos de afastamento de diversas actividades relacionadas com os consumos (p. e. tráfico ou outro tipo de actividade que proporcione meios de aquisição da heroína) que são sentidos como não decisões.

Todas estas desarticulações biográficas detectadas nas entrevistas materializam uma dificuldade que os indivíduos sentem em se relacionar com um comportamento que é problemático e implicou níveis consideráveis de conflituosidade social.

5. SOBRE AS VELHAS DROGAS: BALANÇO FINAL

A análise das trajectórias permitiu o levantamento de um certo número de incongruências. No início dos consumos, para começar, temos uma tendência para afirmar uma certa decisão referente ao começo dos consumos, decisão essa que é depois relativizada por uma série de racionalizações tendentes à desresponsabilização. Também na gestão dos consumos se realça a não decisão e tudo o que o consumo de drogas pode obrigar os indivíduos a cometer para, mais à frente nas sessões, as opções realizadas no interior das subculturas e opções desviantes ao dispor de cada um dos entrevistados serem evocadas. Nos pontos de inflexão, diversos mecanismos de não decisão estão relacionados com as recaídas e mesmo com a decisão de encetar um período de abstinência, de diminuição do consumo ou, simplesmente, de interromper uma dada actividade desviante que sustentava a obtenção dos produtos.

Por tudo isto, detectámos uma desarticulação biográfica que dificulta a construção de uma coerência globalizadora de si. Socorrendo-nos de Sykes e Matza (1957) que defendem a coexistência dos valores normativos e desviantes no mesmo indivíduo, fazendo emergir uma certa ansiedade estatutária, podemos defender que os valores normativos se encontram em colisão com os valores desviantes e que ambos funcionam em sistemas

252 que coexistem, mas que progressivamente cooperam menos. Resultado prático: muitos indivíduos dizem não ter escolha a partir do momento em que entraram nas drogas, e que fazem coisas a consumir que depois nem acreditam muito bem que foram capazes de as cometer. Porém, se conseguirmos estimular os entrevistados a partilhar conosco as opções desviantes, a postura muda frequentemente: as opções desviantes, por assim dizer, são partilhadas de modo efusivo até, nas sessões de recolha de dados.

Os períodos de abstinência e de afastamento, definitivo ou prolongado, dos consumos pode suscitar a emergência de todas as incongruências biográficas já referidas. Há um trabalho de re-articulação de coerências que se impõe. Essa dificuldade pode ser, pelo menos parcialmente, minimizada através da valorização de dimensões positivas no presente. Por tudo isto, o consumo de heroína acaba por ser construído como algo que usurpa a margem de decisão do indivíduo. Esta imagem de consumidor acaba por ser uma construção biográfica de anos: as imagens de si tendem a ser mais positivas nos primeiros períodos de consumo.

Não nos podemos esquecer do método usado na investigação e do contexto em que foi utilizado: fizemos histórias de vida em indivíduos com antecedentes de consumo problemático e desregulado. As dificuldades e até perdas sofridas ao longo de tal percurso são, pois, o ponto de partida para os pedidos narrativos solicitados nas sessões. Uma certa vertente catastrófica acaba por ser realçada. No entanto, estamos em crer que não nos afastamos muito de uma certa imagem social que a heroína e mesmo a cocaína acabaram por adquirir (sem com isso negar a existência de consumos menos problemáticos destas substâncias, mas também mais invisíveis).

- Becker, H. S. (1963). *The Outsiders - Studies in the sociology of deviance*. New York, The Free Press of Glencoe, Inc.
- Eliason, S. L. e Dodder R. A. (2000). Neutralization among deer poachers. *In: Journal of Social Psychology*, vol 140 (4), pp. 536-538.
- Faupel, C. E. (1991). *Shooting dope - career patterns of hard-core heroin users*. Gainesville, University of Florida Press.
- Fernandes, L. e Agra, C. (1991). *Uma topografia urbana das drogas (Estudo exploratório no Porto)*. Lisboa, Gabinete de Planeamento e Combate à Droga.
- Glaser, B. G. e Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. New York, Aldine de Gruyter.
- Grappendaal, M.; Leuw, E. e Nelen, H. (1995). *A world of opportunities - Lifestyle and economic behavior of heroin addicts in Amsterdam*. New York, State University of New York.
- Hagan, T. (1986). Interviewing the Downtrodden. *In: Ashworth, P. D. e Giorgi, A. (Ed.) Qualitative Research in Psychology*. Pittsburg, Forbes Avenue, pp. 332-360.
- Holdstein, J. A. e Gubrium, J. F. (1997). Active interviewing. *In: Silverman, S. (Ed.) Qualitative research - theory, method and practice*. London, Sage Publications, pp. 113-129.
- Koning, A. (1986). Introduction. *In: Ashworth, P. D. e Giorgi, A. (Ed.) Qualitative research in Psychology*. Pittsburg, Forbes Avenue, pp. Vii-XV.
- Manita, C.; Negreiros, J. N e Agra, C. (1996). *Determinações e significações da relação Droga - Crime*. *In: C. Agra (Ed.) Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares*. Vol. XI. Porto, Centro de Psicologia do Comportamento Desviante da Universidade do Porto (policopiado).
- Marlatt, A. e Gordon, J. R. (1985). *Relapse prevention*. New York, Guilford Press.
- Matza, D. (1964). *Delinquency and drift*. New Jersey, Transaction Publishers.
- Poirier, J.; Clapier-Valladon, S. e Raybant P. (1995). *História de vida, teoria e prática*. Oeiras, Celta Editora.
- Sykes, G. e Matza, D. (1957). Techniques of Neutralization: A Theory of Delinquency. *In: American Sociological Review*. 22, (6), pp. 664-670.
- Solal J. F. (1991). Les médicaments psychotropes ou la dépendance confortable. *In: Ehrenberg, A. (Ed.) Individus sous influence - Drogues, médicaments psychotropes*. Paris, Éditions Esprit, pp.205-217.
- Tinoco, R. (2000). *Vivências de si na toxicodependência - Análise qualitativa de relatos de heroinómanos recolhidos em meio institucional*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto.
- Tinoco, R. e Fernandes, L (2002). Vivências de si na toxicodependência – análise qualitativa de heroinómanos recolhidos em contexto institucional. *In: Psicologia, Teoria, Investigação e Prática*, 1, pp. 3-17.

[NOTAS DE FIM]

- ¹ A presente investigação enquadra-se na pesquisa “Heroína e ecstasy – distâncias e aproximações entre velhas e novas drogas” que beneficiou de financiamento atribuído pelos fundos FEDER – Eixo 2, medida 2.3 do POCTI – Programa Operacional “Ciência, Tecnologia, Inovação” do QCA III.
- ² Neste aspecto, a amostra replica o perfil de utentes atendidos neste tipo de centros e os dados genéricos da epidemiologia demonstram também a grande prevalência do sexo masculino no consumo de heroína.
- ³ Essa ansiedade estatutária reflectir-se-ia numa certa incerteza sobre o próprio papel dos indivíduos: são toxicodependentes, ex-toxicodependentes; como lidar com contextos normativos e desviantes; a abstinência é definitiva ou provisória, entre outros.